

O Belo Artístico e o Belo Natural na *Estética* de Hegel.

Em suas *Lições de Estética*, ao contrário de Kant e de outros filósofos, Hegel afirma que não existe algo como o “belo natural”. Isso não quer dizer que a filosofia hegeliana negue o sentimento de beleza que temos frente a objetos que nos toquem imediatamente. Pelo contrário, o desafio que aqui se coloca é observar mais de perto o que se passa nesses casos. O belo, para Hegel, é uma idéia do espírito artístico, ou seja, uma unidade imediata do conceito e de sua efetividade tal como ela se apresenta em seu aparecer para as nossas sensações. Isso implica afirmar dois aspectos: primeiro, que o sentimento da beleza não provém de algo fora de nós, mas é uma elaboração que o espírito humano forma acerca de determinados objetos; segundo, que o reconhecimento da beleza de certos objetos está associado a uma formação do espírito capaz de constituir e perceber o “belo artístico”. Nesse sentido, a idealidade da arte consiste em um processo de conscientização e espiritualização, cujo caráter não é arbitrário ou natural, e possui finalidade e necessidade internas. A apresentação mais exata dessa tese característica da *Estética* hegeliana implica uma explicitação de seus pressupostos sistemáticos na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e na *Fenomenologia do Espírito*, bem como sua inserção no debate entre classicismo e romantismo do início do século XIX sobre o estatuto da obra de arte, o qual não deixa de manter sua atualidade.

